



APRESENTAÇÃO

IVO DA COSTA DO ROSÁRIO
MADALENA TEIXEIRA
MARIA JOSÉ DOS REIS GROSSO
VANIA LÚCIA RODRIGUES DUTRA

Ao longo do tempo, vimos acumulando muitas reflexões sobre o modo como, historicamente, o estudo da língua e da gramática foram sendo mediados nas escolas. Muitos professores e pesquisadores já apontaram as incoerências de um ensino taxonômico, centrado, principalmente, na identificação e na categorização das diferentes estruturas da língua, bem como na sua ineficácia para a formação de leitores e produtores de textos. Junto a isso, com os avanços da ciência linguística, tornou-se cada vez mais premente a necessidade de fazer do texto o objeto de análise em sala de aula, o ponto de partida e de chegada das atividades desenvolvidas.

Toda essa problematização acerca do quê e do como trabalhar nas aulas de língua – materna e não materna – gerou, e ainda vem gerando, uma vasta produção bibliográfica às quais esse dossiê vem se juntar. Nesse grande campo de investigação, nosso objetivo, aqui, é provocar reflexões sobre como o ensino de gramática

pode ser repensado por perspectivas mais dialógicas, contribuindo de fato para o trabalho com o texto e, assim, coadunando-se com as demandas reais de nossos alunos da Educação Básica.

Esse movimento está ancorado na necessidade de melhorar os níveis de aprendizagem dos estudantes, o que ainda é um grande desafio para os professores, para os sistemas de ensino e para a Universidade, que tem a responsabilidade de formar os quadros que atuam na linha de frente da Educação Básica e que tem no tripé “ensino, pesquisa e extensão” seu eixo fundamental.

Nas muitas universidades do Brasil e do exterior, especialistas de diversas vertentes têm avançado em reflexões tanto de cunho teórico quanto prático, mas a verdade é que os desafios ainda são muito presentes, especialmente no tocante ao campo dos estudos gramaticais, que tem despertado tantos dissensos. Nesse campo, há desde os que já declararam sua total ineficiência até os que o postulam como tábua de salvação. Nesse jogo, sem dúvida é importante haver parcimônia, já que qualquer ponto desses extremos pode ser perigoso e muito contraproducente.

Não se pode dizer que já superamos completamente a prática de reconstrução, com os estudantes, do quadro descritivo constante dos manuais de gramática, mas já vemos, com maior clareza, os “aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta

de textos” (BRASIL, 1998, p. 29). Não se trata de banir o ensino da gramática da escola, mas de assumir uma perspectiva pedagógica diferente de trabalho com esse tipo de conhecimento, o que sempre se dará em função do texto.

Este dossiê reúne trabalhos resultantes de pesquisas que se debruçam sobre esses importantes pontos de discussão, ancorando-se em estudos com base, principalmente, na língua portuguesa, mas também na língua inglesa e na língua brasileira de sinais (LIBRAS) como segunda língua.

Trata-se de um conjunto de discussões que contribui para a formação e a atuação profissional de docentes, seja da Educação Básica, seja do Ensino Superior. As contribuições são ricas e variadas, ancorando-se em diferentes concepções teóricas, como na Linguística Aplicada, na Linguística Sistêmico-Funcional, na Linguística Funcional Centrada no Uso, na Teoria da Variação e da Mudança, na Semântica da Enunciação, na Linguística Textual, entre outras correntes. As discussões travadas abordam questões sobre Livro Didático, Sequências Didáticas, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e buscam, direta ou indiretamente, colaborar com um ensino de língua eficaz, produtivo e mais significativo.

Em “Problemas da Linguística Normativa Brasileira”, Marcos Bispo apresenta um exercício de crítica epistemológica à chamada Linguística Normativa (LN). O objetivo do autor é questionar a validade

de classificações já muito arraigadas nos estudos em linguagem e apresentar alguns problemas que a Linguística cria ao tentar se impor como a autoridade legítima em matéria de políticas linguísticas. Há quatro aspectos principais na investigação do pesquisador: as contradições epistemológicas da LN, as diferenças entre competência linguística e competência comunicativa, as relações entre padronização linguística e poder e, por fim, os problemas da pedagogia da variação linguística.

Sheila Fabiana de Pontes Casado e Edmilson Luiz Rafael apresentam o trabalho “Um estudo sobre a (re) textualização em gramáticas pedagógicas brasileiras contemporâneas: o aspecto da propositura discursiva”. O objetivo dos autores é refletir sobre o processo de gramatização no contexto brasileiro, iniciado no século XIX, cujo movimento tem produzido instrumentos normativos referenciais para o ensino de língua portuguesa. Com a intenção de ampliar o entendimento acerca da arquitetura que dá sustentação à estruturação didática das gramáticas pedagógicas, os autores propõem descrever como se caracteriza a propositura discursiva das gramáticas pedagógicas brasileiras contemporâneas a partir de três obras. Para isso, recorrem aos referenciais sobre Transposição Didática/(Re)textualização (CHEVALLARD, 1991; RAFAEL, 2001; DELL’ISOLA, 2007; PETITJEAN, 2008), bem como a Libâneo (1990) e a Lino de Araújo (2014) para situar os conteúdos/objetos de ensino no âmbito da didatização. Os resultados atestam que cada instrumento

normativo analisado está fundamentado em uma abordagem metodológica singular que a caracteriza, a saber: normativo-discursiva; textual-discursiva e prático-discursiva.

No campo dos estudos funcionalistas, Gustavo Henrique Viana Lopes e Mônica de Souza Serafim propõem o trabalho “O tratamento dos substantivos em um livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio”. Nesse estudo, os autores investigaram em que medida as atividades didáticas se associam aos documentos oficiais que orientam a prática docente no Brasil, como os PCN (1998) e a BNCC (2018), e aos estudos linguísticos contemporâneos, sobretudo os de base funcionalista (NEVES, 2018). Por meio de análises empreendidas, os autores constataram que o material selecionado para estudo apresenta atividades produtivas e contextualizadas. No entanto, há, ainda, a necessidade de se promoverem mais momentos de reflexão e de aprofundamento de ideias importantes para o desenvolvimento de uma consciência linguística mais aguçada, como o papel das classes gramaticais no texto e a variação linguística.

Ainda na arena dos estudos funcionalistas, Edvaldo Balduino Bispo, Fernando da Silva Cordeiro e David William Silva dos Santos abordam o tema “Gramática na sala de aula: percepção docente e perspectivas para a prática pedagógica”. No artigo, os autores focalizam a percepção de professores de língua portuguesa quanto à abordagem de tópicos gramaticais no livro didático (LD) e em sua

prática pedagógica. Os resultados dos pesquisadores mostram, por um lado, que a maioria dos professores avalia positivamente o modo como o LD explora o conteúdo gramatical, mas vê como tradicional sua prática profissional; por outro lado, esses professores entendem a necessidade de mudanças tanto em sua atuação docente quanto no LD. Diante disso, como encaminhamento de ordem prática, os autores propõem que o estudo dos fenômenos linguísticos seja sempre realizado a partir de textos autênticos.

“Operador argumentativo ‘tanto que’: descrição funcional e atividade de ensino de gramática”, de Ana Cláudia Machado dos Santos, é mais uma pesquisa funcionalista presente neste dossiê. A autora investiga os padrões funcionais do elemento de conexão “tanto que”, atestando a emergência de seu uso como operador argumentativo, um tipo de conector textual-discursivo no âmbito da macrossintaxe, na sincronia do Português Brasileiro (PB). Os resultados da investigação apontam que “tanto que” é um operador argumentativo cuja estratégia é acrescentar uma possível comprovação da asserção apresentada na porção textual que o antecede. Com base nisso, a pesquisadora apresenta uma proposta de atividade para o trabalho com esse operador a partir dos distintos padrões de uso, visando ao ensino de língua portuguesa no Ensino Médio.

Partindo para outra vertente do Funcionalismo, Thamara Santos de Castro e Ane Carolina Santos

apresentam o artigo “Para além da classificação gramatical: o ensino da conexão de orações sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional”. Nesse trabalho, as autoras defendem que é indispensável que exista uma abordagem funcional do trabalho com língua portuguesa em sala de aula. Por isso, com base na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), o objetivo do estudo realizado pelas autoras é apresentar uma forma mais pragmática e menos metalinguística de se tratar o complexo oracional, tradicionalmente conhecido como período composto. Por meio de um artigo de opinião, as pesquisadoras selecionaram estruturas oracionais a fim de perceber como essas estruturas se relacionam com o propósito comunicativo do gênero. É a partir daí que o estudo se desenvolve.

Também dentro da perspectiva sistêmico-funcional, Lucia Rottava e Karen Andresa Teixeira Santorum apresentam o trabalho “A metáfora gramatical ideacional e seus efeitos na escrita acadêmica”. O conceito central abordado no artigo é o da metáfora gramatical, que consiste em uma “variação na forma de expressar um dado sentido” (HALLIDAY, 1994), considerada como o principal recurso para a escrita científica e acadêmica. O contexto da pesquisa é formado por discentes de um curso de licenciatura em Letras Português/Inglês de uma universidade filantrópica. Os resultados mostram que, após a implementação do *Programa Ler para Aprender*, houve

um aumento no número de ocorrências de metáforas gramaticais na escrita dos participantes. Esse aumento impactou a qualidade dos textos de um modo geral ao imprimir maior densidade lexical às suas produções.

Sob a ótica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), Giralaine Felisberto de Caldas Aguiar, Augusta Reinaldo e Shirley Barbosa apresentam o estudo “Saberes necessários ao ensino de LIBRAS L2 centrado no gênero: a textualização da entrevista com especialista”. O objetivo do trabalho é descrever os mecanismos de textualização em segmentos textuais utilizados pelo enunciador entrevistado em um exemplar do gênero entrevista com especialista. Os resultados da análise mostram que os enunciados da textualização estão associados ao tema central e ao objetivo do texto sinalizado. Essa configuração pode subsidiar a construção de um modelo de descrição com vistas a sua didatização no ensino de Libras L2 para aprendizes ouvintes e à formação de professores de Libras.

No campo da Teoria da Variação e da Mudança, Shélida da Silva dos Santos e Luciana Faht apresentam o trabalho intitulado “A interseção entre o saber linguístico e a prática docente: uma proposta de atividades sobre o objeto direto anafórico”. Na perspectiva das autoras, o ensino de língua portuguesa na Educação Básica apresenta alguns desafios, entre eles o de conciliar os estudos variacionistas desenvolvidos na academia com sua aplicação em sala de aula. A partir dessa ideia principal, o artigo apresenta a proposta de unir o saber

linguístico, a partir da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) à prática docente, elegendo-se, para isso, o estudo do objeto direto anafórico.

Em seguida, em perspectiva formal, Érica Azevedo de Souza apresenta o trabalho “Propostas para o ensino da distinção aspectual dos tempos pretéritos do Português”. O estudo tem o objetivo de apresentar duas sequências didáticas para o ensino de tempo gramatical e aspecto, sobretudo, das formas do pretérito do indicativo do português – pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito. As reflexões apresentadas têm como base a perspectiva da Semântica Formal e apresenta noções de aspecto gramatical (KLEIN, 1994) e de aspecto lexical (VENDLER, 1967). A partir da ótica da aprendizagem linguística ativa (cf. PILATI, 2017), a autora propõe que é possível chegar a um entendimento semântico da distinção entre perfeito e imperfeito para além da oposição concluído *versus* não concluído e, em seguida, uma reflexão acerca do significado de anterioridade expresso pelo pretérito mais-que-perfeito.

Outro trabalho desenvolvido sob a ótica da Linguística Formal é “A sintaxe das construções topicalizadas”, de autoria de Yan Silva. O autor se propõe a evidenciar as incoerências da Gramática Tradicional na conceituação do elemento sujeito. Além disso, também indica uma análise de estruturas topicalizadas fundamentada no Programa Cartográfico de Gramática Gerativa (RIZZI, 1997). A

hipótese é a de que os conhecimentos metalinguísticos das teorias formais possam levar luz para explicações mais coerentes com o conhecimento interno do falante que passa pelo processo de escolarização. Para isso, recruta o arcabouço da Aprendizagem Linguística Ativa (PILATI, 2017), que promove o uso de materiais manipuláveis nas aulas de gramática, a fim de oferecer o exercício de metacognição no ensino de língua.

Em seguida, Elaine Alves Santos Melo e Simone Barbosa de Oliveira apresentam o artigo “O tópico-marcado nas redações escolares do Ensino Fundamental II: caminhos para evidenciar o grau de letramento”. As autoras traçam como objetivos (i) descrever as construções de tópico marcado em redações escolares de estudantes do Ensino Fundamental II; (ii) refletir sobre a relação entre as construções de tópico marcado do português brasileiro e a percepção do nível de letramento dos estudantes do Ensino Fundamental II. As pesquisadoras defendem que as distintas estratégias de tópico-marcado no gênero redação escolar evidenciam a menor ou a maior percepção do estudante em relação às estratégias de organização textual, o que, por hipótese, evidenciaria o seu grau de letramento. A metodologia baseia-se na Linguística Textual (KOCH, 1992; MARCUSCHI, 1997) e no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). Os resultados revelam que, entre os estudantes das escolas públicas, há maior uso de estratégias com ruptura sintática e, além disso, ao longo da escolarização, os estudantes apresentam dificuldade

na percepção da relação entre as construções de tópico marcado e a linearização dos períodos sintáticos.

Por fim, no âmbito dos estudos semânticos, Luciani Dalmaschio e Júlio César Coelho dos Santos, em “Base Nacional Comum Curricular: um trabalho de análise linguística pelo olhar da Semântica da Enunciação”, apresentam uma análise da BNCC, buscando verificar em que medida a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem contribui para a organização sistematizada das ações pedagógicas nos estudos de Língua. O trabalho desenvolvido chega ao entendimento de que a perspectiva enunciativa é apresentada de forma difusa e assistemática no documento. À vista disso, desenvolve-se uma proposta de atividades de análise linguística, orientada por pressupostos da Semântica da Enunciação, com o objetivo de sistematizar procedimentos teórico-prático-metodológicos que sustentem uma dinâmica semântico-enunciativa do trabalho pedagógico.

Após os treze trabalhos aqui brevemente apresentados, Ivo da Costa do Rosário e Vania Lucia Rodrigues Dutra apresentam a entrevista com o Prof. João Wanderlei Geraldi, um dos nomes mais importantes no campo de ensino de línguas no Brasil. De modo muito franco, o Prof. Geraldi nos brinda com reflexões apuradas e muito maduras sobre a questão do ensino de gramática no país.

Em seguida, Madalena Teixeira e Maria José Grosso apresentam a entrevista com Prof^a. Sônia Rodrigues, linguista e investigadora em gramática e seu ensino, em

Portugal. Essa entrevista é por si só uma resenha do ensino gramatical e da sua problemática, principalmente no Ensino Básico e no Secundário, destacando-se que, em Portugal, há várias tendências de investigação na área da gramática, das quais se ressaltam o questionamento linguístico e a tendência sociocultural. A capacidade de usar a linguagem com eficiência em comunidade passa sem dúvida por usar adequadamente a competência comunicativa com todas as competências que a integram, designadamente a gramatical.

A professora e investigadora argumenta que a gramática não é apenas uma questão de correção formal, mas também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento crítico. Para tanto, é essencial que, em vez de apenas memorizar regras, os estudantes sejam incentivados a aplicar essas regras em situações práticas, como na produção de textos ou na análise de discursos, enfatizando-se a importância de fornecer *feedback* construtivo, permitindo que os alunos aprendam com os seus erros e melhorem continuamente os seus conhecimentos linguísticos.

Ensinar e aprender gramática constitui um desafio e, para o superar, a entrevistada sugere uma abordagem mais dinâmica e integrada, propondo que os professores incorporem elementos de literatura e de produção textual nas suas aulas, permitindo que os alunos explorem os conceitos gramaticais de maneira criativa e contextualizada. Além disso, destaca a importância

do uso de tecnologias educacionais, como aplicações e plataformas *online* para tornar a aprendizagem da gramática mais acessível e lúdica.

O dossiê que ora apresentamos tem o mérito de discutir o ensino de língua portuguesa por meio de diferentes perspectivas. Há tanto reflexões teóricas quanto exercícios de ordem prática. A partir de diferentes pontos de vista, o leitor é conduzido a refletir sobre o fascinante e ainda muito complexo tema do ensino de gramática.

Esperamos que a leitura dos textos deste dossiê possa inspirar os interessados no tema e contribuir, de alguma forma, com sua reflexão sobre o assunto. A conclusão a que chegamos é que essa é uma arena que ainda demanda muitos estudos, pois ensinar gramática de modo criativo, produtivo e eficiente ainda é um grande desafio.

Boa leitura!

Ivo da Costa do Rosário

Doutor em Letras Vernáculas (UFRJ) – 2012.

Docente do Instituto de Letras da UFF.

Professor do PPG Estudos de Linguagem da UFF.

Pesquisador de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Jovem Cientista do Nosso Estado (Faperj).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3573087642345531>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>.

E-mail: ivorosario@id.uff.br.

Madalena Teixeira

Doutoramento em linguística, no ramo de linguística aplicada. Universidade de Lisboa, 2007.

Professora na Universidade de Aveiro (UA).

Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF).

Lattes: <https://www.cinciavitae.pt/portal/2E10-F2A8-85E5>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1064-3790>.

E-mail: madalenatvdteixeira@ua.pt.

Maria José Grosso

Doutoramento em linguística, no ramo de linguística aplicada. Universidade de Lisboa, 2000.

Professora aposentada na Universidade de Lisboa.

Professora Associada Universidade de Lisboa, Universidade de Macau.

Investigação em Português Língua Estrangeira.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9643435584462319>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1064-3790>.

E-mail: mjgrosso@um.edu.mo.

Vania L. R. Dutra

Doutora em Língua Portuguesa pela UERJ (2007).

Professora Associada de Língua Portuguesa da UERJ.

É membro dos grupos de pesquisa Grupo SAL – Sistêmica, Ambientes e Linguagens (Cnpq) e GT Linguística Sistêmico-Funcional (Anpoll).

Coordenadora do projeto LabGraDis – Laboratório de Gramática e Discurso (UERJ/Faperj).

Coordenadora adjunta do GESD – Grupo de Estudos em Sistêmica e Discurso (UERJ).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8570682797639351>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7028-7690>.

E-mail: vaniardutra@hotmail.com.